

**POSTO, LOGO EXISTO: INTERLOCUÇÕES TEÓRICAS ENTRE AS NOVAS
FORMAS DE SUBJETIVAÇÃO E O NARCISISMO NA
CONTEMPORANEIDADE**

Francine Rocha de Freitas¹

*Vânia Fortes de Oliveira^{**}*

RESUMO:

O presente ensaio, concretizado como um Trabalho Final de Graduação, foi instigado pela observação e problematização de uma significativa virtualização das relações interpessoais no contexto atual, reforçada pelas redes sociais e protagonizada pelo site de relacionamentos *Facebook*. O respaldo metodológico encontra-se na pesquisa em psicanálise, viabilizando a realização de interlocuções teóricas entre narcisismo e cultura, novas formas de subjetivação na Contemporaneidade e as repercussões observáveis nas redes sociais. Assim, evidencia-se a manifestação de um culto-de-si e da dependência do olhar do outro para a confirmação de si. O caráter espetacular das relações, mediatizadas por imagens, reforça a ideia de que ser e parecer são sinônimos; com isso, emerge o desejo de ser visto por uma platéia virtual que, supostamente, espera assistir à invejável performance teatral do sujeito.

PALAVRAS-CHAVE: Narcisismo. Imagem. Novas formas de subjetivação. Cultura. Redes sociais.

¹ Psicóloga. Graduada em Psicologia pelo Centro Universitário Franciscano – UNIFRA (Santa Maria, RS, Brasil). Contato: francine.rf@hotmail.com

^{**} Psicóloga formada pela Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul - UNIJUÍ (Ijuí, RS, Brasil). Mestre em Educação pela Universidade Federal de Santa Maria – UFSM (Santa Maria, RS, Brasil). Docente do curso de Psicologia do Centro Universitário Franciscano – UNIFRA (Santa Maria, RS, Brasil). Contato: vfoli@hotmail.com

Narcisismo e sintoma social: a relação entre identificações imaginárias, virtualização das relações e o culto-de-si

É em vão que tua imagem chega ao meu encontro
E não me entra onde estou, que mostra-a apenas
Voltando-te para mim só poderias achar
Na parede do meu olhar tua sombra sonhada

Eu sou esse infeliz comparado aos espelhos
Que podem refletir mas que não podem ver
Como eles meu olho é vazio e como eles habitado
Pela ausência de ti que faz tua cegueira.
(ARAGON apud LACAN, 1985, p. 23)

Fotos, registros diários, *check-ins*¹: eis um dos modo de se expressar e de se relacionar com o outro na atualidade, em meio a afazeres, cobranças e prazos impostos na vida cotidiana, ainda acha-se tempo para destacar sua existência perante a existência do outro. Existência esta com um novo colorido, que seja capturada pelo olhar do outro como algo invejável, e, para surtir tal efeito, *tratada* sob os filtros de editores de imagem tais como *Photoshop* e *Instagram*. As pistas dadas neste início induzem o leitor à identificação de uma ferramenta que possui, atualmente, maior capacidade de dar conta e que melhor representa tais expressões do eu na Contemporaneidade: a hegemonização do acesso ao site mundial de relacionamentos *Facebook*. É fundamentada neste contexto que se delinea o ensaio de que se trata: a observação de uma significativa virtualização das relações interpessoais, reforçada por meio da expansão do acesso às redes sociais e protagonizada pelo site *Facebook* - ferramenta que permite ao usuário se expressar e se comunicar, utilizando para tal finalidade inclusive dispositivos de compartilhamento de som e imagem.

Antes de um aprofundamento no tema proposto, faz-se importante pontuar que, no contexto da rede mundial de computadores, são significativos os avanços obtidos ao possibilitar acesso à informação, à comunicação interpessoal e à democratização das discussões sociais em um mundo globalizado. Mundo globalizado este, em que o tempo parece se esvaír por entre os dedos, perante o encurtamento de distâncias percebido com a acessibilidade à informação e à comunicação em tempo real. Para Moraes (2007), a internet pode ser considerada como um ecossistema digital cujas interações são

¹ Termo grifado com o objetivo de reproduzir literalmente termos que assumiram conotações próprias à comunicação via *Facebook*, assim como os seguintes termos presentes no decorrer do documento: *postagem, curtidas, comentários e compartilhamentos*.

POSTO, LOGO EXISTO: INTERLOCUÇÕES TEÓRICAS ENTRE AS NOVAS FORMAS DE SUBJETIVAÇÃO NARCISISMO NA CONTEMPORANEIDADE

singulares: fontes que disponibilizam ininterrupta e simultaneamente dados, sons e imagens. Em sua multiplicidade de usos, a internet tem possibilitado experiências de produção e difusão informativa a nível contra-hegemônico, democratização do acesso e também um meio de empoderamento social através de ações mobilizatórias e reivindicatórias; elementos observáveis no acesso às redes sociais.

Tal malha hipertextual, como caracteriza Moraes (2007), se retroalimenta continuamente e impulsiona a formação de redes integradoras de fluxos informativos e manifestações culturais, e o referido autor acrescenta que os espaços compartilhados favorecem o convívio de cunho participativo e recíproco. No entanto, para o autor, ao mesmo tempo em que as ferramentas comunicacionais posicionam-se contrariamente à mediatização das relações, também corroboram com a exaltação do exibicionismo, do excesso e do desperdício modelados pelo consumismo.

Feita tal ressalva, no sentido de reconhecer os avanços advindos com o aperfeiçoamento da ferramenta internet, o presente ensaio propõe a discussão de um elemento, também significativo, que integra esse meio virtual e que também traz expressivas repercussões individuais e sociais: a virtualização das relações. Nesse sentido, Lévy (1996) argumenta que o virtual não se configura como oposição ao real, mas sim ao atual, na medida em que virtualidade e atualidade constituem-se enquanto dois distintos modos de ser.

O autor acrescenta que determinada entidade carrega e é produtora de suas virtualidades, com a possibilidade de reorganizar certa problemática anterior e ser passível de ser alvo de variadas interpretações. Da mesma forma, o virtual também acaba constituindo a entidade, na medida em que são partes essenciais de sua determinação as virtualidades inerentes a um ser, problemática, nó de tensões, coerções e projetos que o animam, assim como as questões que o movem.

Calligaris (2012) constata que o *Facebook* e as redes sociais acabaram por instituir um modo de se relacionar no qual a existência do indivíduo depende do olhar do outro, o que constitui um comportamento típico das sociedades narcisistas. Evidencia-se assim o culto-de-si e a condição de existir sob o olhar do outro, configurando uma espécie de *estetização da existência*, conforme caracteriza Birman (2001).

Desse modo, se apresenta a necessidade de um olhar sobre as novas formas de subjetivação e os fatores que dão suporte a tais constituições. Justifica-se o respaldo

metodológico da pesquisa em psicanálise, ao se apresentar como possibilidade a realização de interlocuções, no sentido de articular as teorizações sobre o tema narcisismo, sua expressão nas novas formas de subjetivação na Contemporaneidade e as repercussões observáveis nas redes sociais.

Não é objetivo do presente trabalho psicopatologizar as novas constituições subjetivas, nem responsabilizar ou exaltar as redes sociais, pois como afirma Calligaris (2012), sem o *Facebook* haveria outra ferramenta capaz de dar conta do culto-se-si na atualidade. Portanto, levanta-se no presente ensaio a possibilidade de considerar tal contexto da cultura narcísica e do culto-de-si na atualidade enquanto um sintoma social, na medida em que diz respeito ao laço social. Para Kehl (2009), as condições organizantes do laço social estão presentes na formação do inconsciente, e nesse sentido, a oposição coletivo-individual não se apresenta como premissa válida, tendo em vista que o sintoma diz respeito, obrigatoriamente, ao laço social. Assim, o desejo que o sujeito busca decifrar consiste no desejo do Outro, e sendo o inconsciente o discurso do Outro, esse próprio discurso constitui-se como organizante e delimitante do gozo - que também é do Outro.

Após ilustrar para o leitor o referido contexto, cabe mencionar que essas novas expressões do eu integram o que o historiador Lasch (1983) denomina *Cultura do Narcisismo*, trazendo junto dela novas formas de subjetivação, em que o culto-de-si constitui-se enquanto uma narratividade exacerbada do eu, emergindo desse modo um modelo de desnudamento em detrimento de um modelo autobiográfico no qual o sujeito narra a sua história. (ROUDINESCO, 2006). Birman (2001) apresenta uma leitura da subjetividade em que o autocentramento do sujeito no seu próprio eu assume e conjuga-se em um paradoxo junto ao valor de exterioridade. O autor refere ainda que tal autocentramento, aliado à inexistência de história e ao desaparecimento da alteridade enquanto valor, configura-se como traço fundamental da Cultura do Narcisismo proposta por Lasch (1983).

Nesse sentido, Calligaris (1997) faz menção à constatação do antropólogo Dumont, de que o individualismo caracteriza o valor fundamental da cultura ocidental, cujo valor social é a primazia do indivíduo. Paradoxalmente, há uma oposição entre sociedade e indivíduo; manifesta-se um ódio pela herança cultural em detrimento do valor individual, e o referido ódio constitui uma implicação desta própria herança. Seguindo a mesma linha de raciocínio, Roudinesco (2006) aborda a questão sob a

POSTO, LOGO EXISTO: INTERLOCUÇÕES TEÓRICAS ENTRE AS NOVAS FORMAS DE SUBJETIVAÇÃO NARCISISMO NA CONTEMPORANEIDADE

perspectiva do culto de um *arquivo de si*, no qual encontra-se em primeiro plano uma visão da sociedade consolidada na figura imaginária superestimada de um sujeito a-histórico e atemporal, limitado à sua imagem especular, e oscilando entre narcisismo primário e secundário.

Dessa maneira, o estar dentro-de-si, como denomina Birman (2001), não mais define o ser do sujeito, uma vez que a relação entre estar dentro e fora-de-si tem perdido o poder simbólico de delimitar os territórios entre o eu e o outro. Com o conseqüente apagamento de fronteiras, há um esvaziamento da ideia de temporalidade, e então emerge um mundo subjetivo espacializado e temporalizado no presente, definindo-se por superfícies de contato e de superposição. Nesse sentido, ao se sublinhar o caráter imediatista da presença, o sujeito também acaba perdendo a dimensão do devir; e ao se centrar na existência espetacular, a individualidade se configura na composição de seu personagem rumo à performance teatral e à captura do olhar do outro.

Concepção teórica do termo narcisismo: de Freud a Lacan

Antes de mergulhar nos aspectos culturais do narcisismo, faz-se essencial retornar à concepção teórica do termo, introduzida formalmente por Freud (1914) em “Sobre o narcisismo: uma introdução”. Nesse sentido, considera-se narcisismo enquanto uma fase evolutiva necessária, desde o funcionamento auto-erótico até as escolhas objetais. (LAPLANCHE e PONTALIS, 1982). Freud (1914) difere duas fases do narcisismo: narcisismo primário - estado originário no qual a criança investe a libido ao próprio eu; e narcisismo secundário - originário de uma retração ou retorno dos investimentos objetais ao eu. Ainda em relação às escolhas objetais, Freud (1914) acrescenta que os dois tipos de escolha objetal – anaclítica - realizada a partir do modelo das figuras parentais; e narcísica - feita a partir do modelo da relação com o próprio eu; oscilam ao longo do desenvolvimento humano, constituindo dessa forma emanções da libido.

Nesse contexto, o narcisismo de um indivíduo surge deslocado rumo a um novo eu ideal, e a projeção do indivíduo como sendo o seu ideal, consiste em uma substituição do narcisismo infantil perdido - no qual ele próprio era o seu ideal. O desenvolvimento do eu constitui-se no afastamento do narcisismo primário, e é ocasionado por um deslocamento libidinal rumo a um ideal de eu imposto

exteriormente, cuja satisfação é obtida através da realização desse ideal (FREUD, 1914).

Apesar de os narcisismos primário e secundário constituírem fases que se intercalam, é esperada a prevalência de um narcisismo secundário e, conseqüentemente, do referido deslocamento libidinal rumo a um ideal de eu. No entanto, observa-se na cultura narcisista contemporânea uma significativa expressão do narcisismo primário, algo passível de observação no contexto das redes sociais, cuja discussão se propõe no presente ensaio: na medida em que o eu que se apresenta por meio das imagens de si *postadas* no *Facebook*, parece ser o próprio ideal do sujeito responsável pela *postagem*.

Parafrazeando Freud, Laplanche e Pontalis (2001) acrescentam que o caráter narcísico do eu ideal, consiste no processo de idealização em que o sujeito objetiva a reconquista do estado de onipotência presente no narcisismo infantil, e que também implica na negação do outro enquanto afirmação de si. (LAGACHE apud LAPLANCHE e PONTALIS, 2001).

Ao encontro disso, Severiano (2007) afirma que a atração do sujeito para retornar ao estado narcísico implica em saídas regressivas, nas quais ocorre uma recatexização do eu. Ou então, pode ocorrer uma substituição do ideal de eu por um objeto idealizado, localizado na cultura contemporânea como sendo o ideal de estilo de vida induzido pelo signos de consumo.

Lacan (1966) também considera o eu ideal enquanto formação narcísica, porém originária do que conceitua como sendo o Estádio do Espelho, introduzido formalmente pelo autor em 1949, em *O estádio do espelho como formador da função do eu tal como nos é revelada na experiência psicanalítica*: experimentação iniciada na infância, dos movimentos da imagem com o seu meio refletido. A imagem especular parece constituir o limiar do mundo visível, na medida em que a instância do eu é situada por meio da identificação, ou seja, a transformação produzida quando o sujeito passa a assumir a imagem. Assim, é a passagem pelo Estádio do Espelho que promove a mediatização do eu pelo desejo do outro, estágio este pertencente ao registro do imaginário (LAPLANCHE e PONTALIS, 2001). Complementando, é por intermédio do olhar do outro que o ego se constitui, na medida em que investe libidinalmente o corpo do sujeito, e então, há uma devolução da imagem de corpo ao sujeito. (SEVERIANO, 2007).

POSTO, LOGO EXISTO: INTERLOCUÇÕES TEÓRICAS ENTRE AS NOVAS FORMAS DE SUBJETIVAÇÃO NARCISISMO NA CONTEMPORANEIDADE

Assim, segundo Lacan (1954), o outro possui para o sujeito um valor cativante pela antecipação que a imagem unitária representa ao ser percebida – no espelho ou na totalidade de seu semelhante. O outro de Lacan apresenta-se como equivalente ao ideal de eu de Freud: a identificação narcísica é a identificação ao outro, permitindo ao sujeito situar sua relação imaginária e libidinal ao mundo externo. “Está aí o que lhe permite ver no seu lugar, se estruturar, em função desse lugar e de seu mundo, seu ser” (LACAN, 1954, p. 148): o sujeito vê o seu ser em um reflexo relacionado ao outro - ao ideal de eu.

O olhar, a captura do olhar do outro e a estetização da existência na cultura do narcisismo

Ao se retomar o ponto de vista de Calligaris (1997), para que haja uma constituição de eu a qual não seja fruto do relacionamento social, existe a ocorrência de um recalque de heranças e, conseqüentemente, a escassez de recursos identificatórios, dando lugar a identidades imaginárias. O referido autor justifica que, ao recusar o patrimônio herdado, resta ao indivíduo a busca por imagens socialmente propostas para se constituir enquanto sujeito, e com as quais, na falta de identificações, tenta assumir uma identidade. (CALLIGARIS, 1996). Com isso, um tipo de radicalização da diferença é sustentado: “se nós não temos uma herança que possa nos sustentar como sujeito, nos dando algum tipo de identificação, só no olhar dos nossos semelhantes podemos encontrar a confirmação de que somos tão amáveis como gostaríamos de ser nos nossos próprios olhos” (CALLIGARIS, 1997, p. 191).

De acordo com Pinheiro (2002), o apoio em um referencial interno do discurso sobre si mesmo não se apresenta tão estruturante para a existência do eu, quanto aquilo que espelha e aquilo que o outro atesta ver. Kehl (2002) acrescenta que as formações imaginárias são reguladas em torno do eu narcísico, de identificações, de demandas de reconhecimento e também de amor; e nesse contexto qualquer expressão de alteridade se torna ameaçadora. Assim, a existência por intermédio da imagem torna qualquer maneira de exclusão algo insuportável, pois “se eu não sou visto, eu não sou” (KEHL, 2002, p. 25).

Abordando o espectro da imagem na constituição psíquica do sujeito, Lacan (1954) acrescenta que se produz um desenvolvimento do objeto real no imaginário que fascina o sujeito, o captando: “o desejo do homem é o desejo do outro” (LACAN, 1954,

p. 172). No momento em que faz da sua própria imagem no espelho um exercício triunfante, há a possibilidade de localizar e reconhecer o desejo por intermédio não somente de sua própria imagem, mas do corpo do outro. É na medida em que o sujeito reconhece o seu desejo no corpo do outro, que a troca se faz – reconhece e fixa nessa imagem um desejo despedaçado, originando a fantasia de um aparente domínio da imagem refletida no espelho, dada, ao menos virtualmente, como uma totalidade.

Na obra *O ser e o nada*, Sartre (1997) aborda o olhar sob uma perspectiva fenomenológica bastante interessante e compatível com o tema aqui retratado, cuja análise vale a pena ser exposta: para ele, ser capturado pelo olhar do outro e perceber tal olhar endereçado ao sujeito, é tomar consciência de ser visto. O olhar é, então, um intermediário que remete o sujeito a si próprio; estando presente à consciência na medida em que é objeto para o outro. Ao mesmo tempo, a situação escapa ao sujeito com o olhar do outro, pois já não *controla* a situação ao se apresentar como pura remissão ao outro.

É o olhar do outro que confere ao sujeito espacialidade, e, simultaneamente à sua temporalização diante do sujeito, este também temporaliza-se junto ao outro. A liberdade do outro revela-se ao sujeito por meio da indeterminação de ser quem se é para ele, e nesse sentido, o olhar acaba sentenciando o sujeito a *ser-Para-outro*, tendo em vista que o outro está presente ao sujeito na mesma medida em que ele é para o outro. Assim, para além de todo o conhecimento que o sujeito possa adquirir, ainda assim, é o sujeito que é conhecido pelo outro. Tomar consciência de ser visto, é reconhecer ser objeto do olhar e do julgamento do outro (SARTRE, 1997).

Ao se retomar os principais pontos tratados até agora, frente à predominância de um narcisismo primário e, conseqüentemente, de um eu ideal; da consolidação do eu quando o sujeito passa a assumir uma imagem; e da afirmação da existência do eu sob a captura do olhar do outro, chega-se à constatação de que a subjetividade adquire uma configuração *estetizante*, como denomina Birman (2001). Assim, o sujeito vive constantemente em um registro especular, na medida em que não existe a possibilidade de admiração do outro em sua diferença, tendo em vista que não se descentra de si mesmo.

Para Birman (2001), o autocentramento, no referido contexto, pode ser considerado enquanto índice de integração do sujeito no tecido social, e na medida em que a cena pública se delinea pelas imagens, não é mais possível opor original e cópia,

POSTO, LOGO EXISTO: INTERLOCUÇÕES TEÓRICAS ENTRE AS NOVAS FORMAS DE SUBJETIVAÇÃO NARCISISMO NA CONTEMPORANEIDADE

já que o simulacro perpassa tal tecido e constitui uma nova concepção do real: ser é tido como parecer. De acordo com Pinheiro (2002), o ideal de eu passa a não ser mais constituído por uma imagem de como se deseja ser, mas sim por uma imagem do que se deseja ter, ou seja, um ícone, tendo em vista que é, *a priori*, uma imagem: “o ter esses objetos é ser alguma coisa que não precisa de predicados”. (PINHEIRO, 2002, p. 171).

A mídia e como fenômenos mais recentes as redes sociais, destacam-se enquanto ferramentas fundamentais para dar conta do culto-de-si na Contemporaneidade: a cultura da imagem, segundo Birman (2001), é representada pela estetização do eu e pelo polimento exaltado de si mesmo – o que o faz buscar estar sempre presente nos meios de comunicação em massa, e então, “o sujeito vale pelo que parece ser, mediante as imagens produzidas para se apresentar na cena social, lambuzado pela brilhantina eletrônica”. (BIRMAN, 2001, p. 167).

Ao encontro de tal ideia, em sua produção *A Sociedade do Espetáculo*, o sociólogo Debord (1997) ilustra o palco social vigente interligando espetáculo e imagem, no sentido de que o espetáculo não se apresenta como um conjunto de imagens, mas sim uma relação social a qual é mediatizada por imagens. O autor atenta ao fato de que o espetáculo constitui um momento histórico que nos contém, e cuja mensagem é “o que aparece é bom, o que é bom aparece” (DEBORD, 1997, p. 17) Desse modo, a realidade objetiva compõe ambos os lados, pois “a realidade surge no espetáculo, e o espetáculo surge no real” (DEBORD, 1997, p. 16).

Ao equivaler enquanto mercadoria, o espetáculo se assemelha à outra face do dinheiro: o espetáculo é o dinheiro que se olha, na medida em que já constitui, em si próprio, o pseudouso da vida e a banalização do viver aparente. Assim, as imagens contemporâneas não se apresentam como capazes de produzir um discurso que contenha adjetivos, metáforas e hipérboles, uma vez que o concreto do corpo já contém a imagem, e os investimentos depositados no ideal de eu acabam por tornar-se imagens estáticas, desprovidas de valor social (DEBORD, 1997; PINHEIRO, 2002).

Debord (1997) acrescenta ainda que o espetáculo encontra na visão o sentido humano privilegiado, ao se apresentar enquanto tendência para fazer ver por diversas mediações um mundo cuja apreensão não é direta. Introduzindo o termo *multidões solitárias*, o referido autor menciona que os bens selecionados por tal sistema espetacular constituem reforços às condições de isolamento das multidões: quanto maior a contemplação, menor é a vivência; quanto maior a aceitação do reconhecimento nas

imagens dominantes, menor a compreensão da própria existência e, conseqüentemente, de seu próprio desejo.

É possível observar tais impactos do viver espetacular nas redes sociais, na frequente estereotipia das imagens de si presentes nas *postagens*, ou na frequente reprodução de imagens-clichê, como denomina Freire (1994). Tal situação reforça a constatação de Debord (1997) de que a exterioridade do espetáculo se apresenta na realização de gestos que já não são seus, mas sim de um outro que os apresenta.

Kehl (2002) articula que, ao se romper com o que é transmitido culturalmente, conceitos como liberdade, autonomia individual e valorização narcísica do indivíduo constituem pilares de um novo modo de alienação, pautada no gozo e no consumo. O sujeito torna-se impossibilitado em reconhecer o peso do laço social na sustentação de sua posição subjetiva, e o apelo contemporâneo ao gozo, dá margem para afirmações de onipotência, no sentido de extrair do corpo alheio a parcela de gozo que, supostamente, para o sujeito lhe seja devida. Assim, para Kehl (2002), o semelhante será sempre um semelhante na diferença: invade o campo narcísico do sujeito para roubar algo – remetendo, em Freud, o amor da mãe, e em Lacan, a certeza sobre si mesmo. Dessa forma, se origina a ilusão narcísica de que o outro vem deslocar o sujeito de sua identidade.

Ao encontro do que foi exposto, e fazendo interlocuções entre o sentimento de felicidade e o site *Facebook*, Calligaris (2010) faz menção ao sentimento de exclusão que acomete o sujeito frente à “felicidade geral da nação facebookiana”. Ao ver as imagens *postadas* referentes às férias maravilhosas, realização pessoal, profissional e amorosa e à presença constante de amigos maravilhosos, emerge a sensação de que, enquanto os outros se divertem, o sujeito é o único a sofrer, como se fosse dotado de um privilégio negativo.

Nesse contexto, ao refletir sobre as causas dessa infelicidade e sobre a relação entre infelicidade e insatisfação, Calligaris (2010) pontua algumas hipóteses sobre suas causas: a infelicidade pode ser efeito de uma grande saciedade, capaz de estancar o desejo do sujeito; pode ser um tipo de preguiça do desejo, mais aproximada do tédio de viver do que da falta de gratificação; ou pode ocorrer porque o sujeito ainda não conseguiu tudo o que desejava, e, quem sabe, até parou de desejar.

Mais adiante, Calligaris (2010) constata a possibilidade de que a causa da infelicidade seja mesmo a necessidade de parecer feliz para os outros. Nesse sentido,

POSTO, LOGO EXISTO: INTERLOCUÇÕES TEÓRICAS ENTRE AS NOVAS FORMAS DE SUBJETIVAÇÃO NARCISISMO NA CONTEMPORANEIDADE

argumenta que a felicidade, mesmo que aparente, promove status; que o sujeito é cronicamente dependente do olhar do outro, e por isso se faz preciso constatar que a sua felicidade é não somente vista pelos outros, como também invejada. Desse modo, Calligaris (2010) afirma que é criado um paradoxo do qual o sujeito não tem como escapar pelo receio de se sentir excluído, já que está imerso nessa mesma cultura.

Imagens, espelhos e reflexos

Freire (1994), ao investigar os impactos da expressão narcísica na arte contemporânea, conclui que já se apresenta como senso comum a profusão de imagens enquanto característica da sociedade contemporânea, mas aponta que é preciso superar tal constatação no sentido de aprofundar os mecanismos de formulação e recepção dessas imagens na sua relação com o sujeito. Assim, a autora refere que ao confundir a permanência dos objetos com a incapacidade de transpô-los, existe a possibilidade de uma nova versão da causa da morte de Narciso: confusão e indiferenciação na relação sujeito-objeto.

Em um universo saturado de imagens, no qual a ênfase do tempo vivenciado pelo sujeito é o aqui-e-agora, o desfrute imediatista parece regular as relações e o tempo é vivido com a iminência do esgotamento, o que denuncia o caráter da transitoriedade. Os sujeitos esbarram na impossibilidade de desligar-se das imagens produzidas artificialmente, modelados pela sociedade de consumo, e com isso, tempo e espaço constituem-se em abstrações que dão sustentação às falsas construções de si mesmo. Nessa saturação de imagens, as imagens-clichê se apresentam como elementos estruturantes dos ideais de conduta e de aparência, de forma a modelar o eu ideal. (FREIRE, 1994).

Assim, Calligaris (1996) discorre que a subjetividade adquire consistência por meio das imagens propostas pelo social como amáveis, e que, cotidianamente, o sujeito se depara com espelhos invertidos que não o refletem, tendo em vista que são imagens pintadas e que, paradoxalmente, delegam ao sujeito a tarefa de refleti-las. Desse modo, o sujeito busca aquecer-se em seu brilho paradoxalmente refletido, mas que é modelado pelo exemplo do outro. (LASCH, 1983).

Lasch (1983) ilustra efetivamente o referido contexto, ao expor que as ferramentas utilizadas contemporaneamente para registrar e difundir sons e imagens

transcrevem a experiência e a extrapolam – como denomina Roudinesco (2006), a extrapolam cultuando um *arquivo de si*. Isso ocorre ao se alterar a qualidade dos registros e, com isso, se assemelha ao caráter de uma câmara de eco, ou de uma sala de espelhos: a vida se apresenta enquanto uma sucessão de imagens, sinais eletrônicos e impressões registradas, caracterizando uma reprodução mecânica da cultura. (LASCH, 1983). Desse modo, a existência se torna tão atravessada pela produção tais imagens, que Lasch (1983) não vê escapatória quanto à necessidade de dar conta de responder ao outro:

A vida moderna é tão profundamente invadida por imagens eletrônicas, que não podemos deixar de responder aos outros como se suas ações – e nossas próprias – estivessem sendo registradas e simultaneamente transmitidas a uma audiência invisível, ou armazenadas para minucioso escrutínio posterior. “Sorria, você está sendo focalizado”. A intrusão na vida cotidiana deste olho que a tudo vê, deixou de ser surpresa para nós. Não precisamos de ninguém que nos lembre de sorrir. Um sorriso está permanentemente gravado em nossos rostos e já sabemos, entre vários ângulos, qual deve ser o fotografado, com melhores resultados (LASCH, 1983, p. 73).

O recorte cultural teorizado por Lasch (1983), mesmo sendo escrito na década de 80, parece traduzir fidedignamente o panorama virtual atual, no qual se busca, durante as postagens de imagens de si, poses e expressões estereotipadas – constituindo as denominadas imagens-clichê de Freire (1994). Anteriormente, em meados da década de 50, Adorno e Horkheimer (1985) referem-se aos meios de comunicação em massa da época, abordando a separação clara dos papéis, no que tange à passagem do telefone ao rádio: enquanto este ainda permitia que o participante desempenhasse o papel de sujeito, aquele transforma a todos em ouvintes – de diferentes estações, mas ainda assim, de programas similares.

Ao abordar a questão especificamente sob o viés da mídia televisiva, Kehl (2003) argumenta que a televisão constitui-se enquanto um onipresente e uniforme emissor de imagens, ocupando gradativamente o lugar de imaginário do outro ao ser transmitida em um veículo doméstico, e que consegue conectar a individualidade privatizada e o espaço público ocupado, e, mais recentemente, substituído. Assim, as mensagens televisivas, especialmente a publicidade, consistentemente oferecem imagens à identificação e enunciados significativamente representativos, sugestionando o desejo do Outro.

POSTO, LOGO EXISTO: INTERLOCUÇÕES TEÓRICAS ENTRE AS NOVAS FORMAS DE SUBJETIVAÇÃO NARCISISMO NA CONTEMPORANEIDADE

Na tentativa de abordar a relação entre publicidade e narcisismo, Severiano (2007) trata essa questão da reorientação do desejo como uma *dessublimação* – parafraseando Marcuse, na medida em que ocorre um direcionamento do desejo para objetivos compatíveis com o que é ofertado pelo sistema, acarretando em um significativo enfraquecimento das tensões entre desejo e realização, cuja ocorrência ainda é existente na sublimação.

Percebe-se que desde Adorno e Horkheimer (1985), Lasch (1983) até Kehl (2003), os dispositivos expostos como responsáveis por dar conta dessas manifestações culturalmente narcísicas são as fotografias, o rádio e a televisão; e no presente ensaio, transpõe-se a ideia para mais um dispositivo: as redes sociais, protagonizadas pelo site de relacionamentos *Facebook*. A democratização do acesso à informação e à comunicação é inegável, conforme já mencionado. Porém, nesse contexto, espera-se o retorno do outro por meio de *curtidas* e *comentários*, pois o amparo se dá sob esse olhar do outro que, transposto para o contexto virtual atual, manifesta-se sob *curtidas* e *comentários*.

Desse modo, a proliferação de tais imagens acaba por minar o senso de realidade do sujeito, pois segundo Lasch (1983), a realidade acaba por parecer cada vez mais com o que é mostrado pelas câmeras. As imagens fotográficas constituem provas da existência do sujeito, e sem elas se torna difícil até a reconstrução de sua história pessoal – ou de seu *arquivo de si*, como chama Roudinesco (2006). Desse modo, constata Lasch (1983), o sujeito acaba desconfiando de suas próprias percepções até que a câmera as confirme, e novamente aqui faz-se referência às *curtidas* e *comentários* enquanto agentes que promovem tais confirmações do outro ao sujeito. Assim, o senso de identidade depende do consumo das imagens do eu, e o sujeito depende do espetáculo para confirmar que existe, e para se orientar em meio a seus semelhantes, dos quais se isola. (LASCH, 1983; KEHL, 2003).

Kehl (2002) refere que, ao se esfacelar a sustentação simbólica dos códigos éticos em detrimento ao apelo às identificações, é desencadeada uma colagem de elementos imaginários, cuja imagem produzida impacta no sentido de produzir a falsa certeza de que as coisas são do modo que se apresentam, nas quais as alternativas limitam-se ao espaço que a imagem comporta. Assim, o tratamento espetacular - que a autora relaciona à divulgação de notícias pelos meios de comunicação, acaba por consequência convocando atos de efeito também espetacular.

Ao trazer a questão para a relação do eu com o outro, Kehl (2002) afirma que tal relação implica no reconhecimento do rosto do outro, rosto este que não seria apenas uma imagem, mas que implica na presentificação do outro diante do eu, em sua irrecusável diferença. Dessa forma, a autora instiga o questionamento de como ocorre a relação entre o eu e o outro em um cenário permeado por identificações imaginárias, tendo em vista que o laço social contemporâneo é mediado pela mídia eletrônica, e que enquadra a subjetividade à dimensão de imagem.

Nesse sentido, Lasch (1983) apresenta a ideia de um *eu atuante*: a realidade percebida é aquela cuja identidade o sujeito possa construir a partir da publicidade, da cultura de massa, e também de fragmentos extraídos das tradições culturais, considerando estes últimos desde que contemporâneos à mente contemporânea. Assim, ao polir e aperfeiçoar o papel escolhido a desempenhar, o novo Narciso olha para a sua imagem refletida menos por admiração do que pela incessante busca de imperfeições, decadência, fadiga – elegendo o lugar da vida ao mesmo plano das obras de arte.

Em conformidade com a ideia de um *eu atuante* de Lasch (1983), faz-se importante acrescentar que, paralelamente à busca incessante das referidas imperfeições, também existe a busca pela ocultação das referidas imperfeições, na tentativa de refletir o que se gostaria de ser ou parecer, movimento este nunca descolado de refletir o que o outro gostaria de ver, para então ser aceito:

Todos nós vivemos cercados de espelhos, procurando segurança quanto à capacidade de cativar ou impressionar outras pessoas. Hoje, a publicidade encoraja homens e mulheres a ver a criação do eu como a forma mais alta de criatividade. [...] Preso em sua autoconsciência, o homem moderno sonha com a inocência perdida do sentimento espontâneo. Incapaz de exprimir emoções sem calcular seus efeitos sobre os outros, ele duvida da autenticidade de suas expressões sobre os outros e, conseqüentemente, extrai pouco conforto quanto às reações da audiência quanto ao seu próprio desempenho, ainda que aquela firme estar profundamente emocionada. (LASCH, 1983, p. 125).

Nesse sentido, Kehl (2003) acrescenta que a interdição do gozo sustenta o desejo, mas atualmente, a publicidade exerce um constante apelo ao gozo, apagando dessa forma a dimensão do desejo. O modo de inclusão imaginária proposto pela sociedade de consumo incentiva o “direito ao prazer”: não se trata de recalcar o desejo, mas sim de seduzir o sujeito do desejo, ao encontro do gozo imediato e da fantasia narcisista prolongada em seus objetos de satisfação. Assim, o inconsciente, ao se apresentar nem como ético ou antiético, mas sim amoral, opera com a lógica da

POSTO, LOGO EXISTO: INTERLOCUÇÕES TEÓRICAS ENTRE AS NOVAS FORMAS DE SUBJETIVAÇÃO NARCISISMO NA CONTEMPORANEIDADE

realização imediata de seus desejos, o que para Kehl (2003) não é tão individual assim, pois o desejo também é social: deseja-se o que os outros desejam, ou o que é convocado a ser desejado, evidenciando-se novamente o viés de sintoma social proposto.

Desse modo, o sintoma constitui-se enquanto uma modalidade do laço social. Kehl (2009) remete, então, a dispositivos agenciadores do desejo como sendo as figuras de autoridade. De acordo com a autora, em sociedade, além de a sustentação da Lei ser simbólica, sua transmissão também depende de uma consistência imaginária que diz respeito a versões imaginárias do Outro. Tais versões imaginárias são representadas por figuras de autoridade que se constituem em dispositivos agenciadores de desejo, simulando respostas ao enigma de saber o que o Outro demanda do sujeito.

Adorno e Horkheimer (1985) já pontuavam que o termo “cultura” implica virtualmente em *levantamento estatístico, catalogação e classificação*, na medida em que o fornecimento de uma hierarquia de qualidades tem servido ao propósito de uma quantificação ainda mais integral, introduzindo a cultura ao domínio da administração. Nesse sentido, a compulsão persistente em produzir novos efeitos serve para intensificar o poder da tradição da qual tenta escapar cada efeito particular: o que emerge à esfera pública está profundamente marcado, e conseqüentemente, nada pode surgir sem exibir os traços do jargão e sem se submeter à aceitação através do primeiro olhar.

O trágico se dissolveu na falsa identidade da sociedade e do sujeito, por meio da proposital tentativa de mostrar a aparência nula do trágico. Assim, para demonstrar a “divindade” do real, a indústria cultural passa a reproduzi-la, por meio de fotografias de uma vida monótona e a sugestão e inculcação de uma ilusão acerca de seu sentido, em prol da omissão do trágico e da demonstração do espetáculo por meio da reprodução mecânica da cultura (ADORNO e HORKHEIMER, 1985; LASCH, 1983).

Desse modo, no entendimento de Severiano (2007), o sujeito contemporâneo não sai de si rumo ao objeto, pois busca se reencontrar por meio das miragens do eu ideal refletidas pelo objeto. Assim, o sujeito também se anula ao aceitar e aderir aos códigos da sociedade de consumo, por meio de uma reprodução desprovida de reflexão, reduzindo a si próprio à dimensão de imagem.

Referindo-se ao contexto do *Facebook*, Calligaris (2013) argumenta que o valor social do sujeito está mesclado à capacidade de despertar inveja no outro, na medida em que a experiência efetiva não é tão relevante quanto suscitar tal inveja, tendo em vista que se deseja ter o que os outros desejam. Esse valor social encontra força, no sentido

de que, hoje, o importante não é *ser* feliz, mas sim aparentar uma felicidade invejável. Com isso, o sujeito espera, por meio da *postagem* de imagens-clichê em suas contas de *Facebook* e *Instagram*, receber a mesma inveja que destina ao outro.

Considerações finais

O presente ensaio é fruto de incômodos e problematizações suscitadas no contexto do acesso às redes sociais e em especial ao site *Facebook*, do tipo de relação interpessoal que se delinea atualmente, evidenciando seus contornos cada vez mais virtuais. Por vezes, o virtual parece substituir o real, frente às facilidades obtidas ao acessar informações e se comunicar com mais de uma pessoa em tempo real, economizando tempo e deslocamento.

Entende-se o *Facebook* enquanto uma ferramenta capaz de propiciar comunicação e difusão de informações das mais variadas entre seus usuários. Com a popularização do uso do referido site de relacionamentos, a ferramenta pode ser igualada ao mesmo nível de um diário pessoal, sendo que as informações que antes tinham caráter confidencial, hoje são expostas aos outros usuários, constituindo uma narratividade exacerbada do eu, como caracteriza Roudinesco (2006). O compartilhamento de informações e imagens em tempo real parece simular a vida real, por vezes também dando lugar a um mundo paralelo.

Mundo paralelo este, causador de incômodo, na medida em que também se utiliza a ferramenta para *compartilhar* o que se gostaria de ser, ou o que os outros gostariam de ver - principalmente por intermédio de imagens: imagens de si, imagens das férias, imagens dos amigos, imagens dos eventos que se frequenta. O compartilhamento de imagens estereotipadas ou clichês evidenciam o paradoxo existente entre cultivar uma imagem de si, ao mesmo tempo em que se é modelado pelo olhar e pelo exemplo do outro, paradoxo similar ao que ocorre entre sociedade e indivíduo, do qual fala Calligaris (1997).

Nesse jogo de imagens, transparece a superficialidade das relações, o caráter narcísico de um culto-de-si, e uma dependência do olhar do outro, cuja resposta obtida por meio de *curtidas* e *comentários*, constitui uma confirmação de ser aceito ou não

POSTO, LOGO EXISTO: INTERLOCUÇÕES TEÓRICAS ENTRE AS NOVAS FORMAS DE SUBJETIVAÇÃO NARCISISMO NA CONTEMPORANEIDADE

pelo outro. Nesse sentido, a pesquisa em psicanálise foi fundamental para interpretar, por meio de estudos históricos e atuais, a expressão do Narcisismo na cultura e as novas formas de subjetivação advindas com a Contemporaneidade, tendo em vista que o culto à imagem se assemelha a uma aproximação do sujeito ao estado narcísico primário.

A partir dos escritos de Freud (1914) e Lacan (1966) sobre os conceitos de Narcisismo e Estádio do Espelho, respectivamente, os rumos da pesquisa assumiram um direcionamento à relação do sujeito com a sua própria imagem, como se o *Facebook* de certa forma assumisse o caráter de espelho do novo Narciso: que não se descentra de si próprio, mas que também precisa perceber o olhar do outro à sua invejável felicidade, configurando uma confirmação de que é aceito pelo outro. Assim, relacionando tal questão às novas formas de subjetivação, como bem ilustra Pinheiro (2002), o apoio em um referencial interno do discurso sobre si mesmo não se apresenta tão estruturante ao eu, quanto aquilo que espelha e aquilo que o outro atesta ver.

Foi percebida a necessidade de um aprofundamento do olhar das manifestações narcísicas à cultura, caracterizada pelo consumismo - inclusive de imagens, sob a perspectiva de um sintoma social, tendo em vista que a tentativa de glorificação do eu é bastante valorizada no palco social, e sendo tal laço mediado pela mídia eletrônica, ocorre um enquadre do sujeito à dimensão de imagem. Assim, também a dimensão do desejo adquiriu uma significativa abordagem no sentido de entender o laço social tecido nesse contexto, pois todo desejo é também social, e nessa construção coletiva, estão implicados os meios de comunicação em massa – desde o rádio até a internet e a publicidade. (BIRMAN, 2001; KEHL, 2003).

Logo, entende-se como importante a investigação dos fatores que, de alguma forma, dão suporte à constituição de novas formas de subjetivação na Contemporaneidade, entendendo os componentes narcísicos implicados e, por conseguinte, do sofrimento psíquico enquanto possibilidade quando o sujeito não obtém sucesso na tentativa de glorificação desse eu. Nesse sentido, muitas vezes reproduzindo gestos e expressões que não são suas (DEBORD, 1997), mas que o fazem sentir-se pertencente e aceito pelo outro, e cujas repercussões atingem não somente a forma de se relacionar com o outro, mas também com sua própria imagem.

O caráter espetacular das relações, mediatizadas por imagens, torna a percepção de mundo cada vez mais espacializada e centrada no presente, em que *ser* se resume a *parecer*. Assim, com a constatação de uma existência centrada no especular e no

espetacular, muitas vezes o que se busca expor ao mundo virtual não corresponde ao que ocorre no mundo real. Ao encontro disso, emerge a necessidade de ser um objeto do olhar do outro: ao mesmo tempo em que o sujeito cultua a si próprio, acaba refletindo o que o outro deseja ver, como observável em *reality shows* e em *compartilhamentos* nas redes sociais. Desse modo, configura-se a exposição de um arquivo de si a uma suposta platéia, a qual aguarda ansiosamente pelos invejáveis relatos e imagens do sujeito, e conseqüentemente, o retorno do outro enquanto uma confirmação a si mesmo.

POSTO, LOGO EXISTO: INTERLOCUÇÕES TEÓRICAS ENTRE AS NOVAS FORMAS DE SUBJETIVAÇÃO NARCISISMO NA CONTEMPORANEIDADE

Referências:

ADORNO, T. W.; HORKHEIMER, M. *Dialética do Esclarecimento*: fragmentos filosóficos. Tradução de: ALMEIDA, G. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.

BIRMAN, J. *Mal-estar na atualidade*: a psicanálise e as novas formas de subjetivação. 3. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.

CALLIGARIS, C. A inveja dos outros. *Folha de São Paulo*, 22 ago. 2013. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/colunas/contardocalligaris/2013/08/1329734-a-inveja-dos-outros.shtml>>. Acesso em: 10 out. 2013.

_____. 'A máscara que usamos no Facebook é a mesma que usamos na vida', diz Calligaris. *Info On Line*, 21 jun. 2012. Disponível em: <<http://info.abril.com.br/noticias/internet/facebook-nao-criou-um-novo-tipo-de-relacao-diz-calligaris-21062012-27.shl>>. Acesso em: 13 maio 2013. Entrevista concedida a Monica Campi.

_____. *Crônicas do individualismo cotidiano*. São Paulo: Ática, 1996.

_____. Felicidade nas telas. *Folha de São Paulo*, 23 set. 2010. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrad/fq2309201026.htm>>. Acesso em: 18 out. 2013.

_____. Sociedade e indivíduo. In: FLEIG, M. (Org.). *Psicanálise e sintoma social*. São Leopoldo, RS: Unisinos, 1997.

DEBORD, G. *A sociedade do espetáculo*. Tradução de: ABREU, E. de S. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

FREIRE, C. Um palco de espelhos: narcisismo e contemporaneidade. *Psicologia USP*, São Paulo, v. 5, n. 1-2, 1994. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1678-51771994000100010&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 13 maio 2013.

FREUD, S. Sobre o narcisismo: uma introdução (1914). In: FREUD, S. *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud*: Edição Standart Brasileira. v. 14. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

KEHL, M. R. *O espetáculo como meio de subjetivação*, 2003. In: Conferência por ocasião da comemoração dos cem anos do nascimento de Theodor Adorno; Instituto Goethe, São Paulo, 28 out. 2003. Mesa-redonda com Ismail Xavier. Disponível em: <<http://www.mariaritakehl.psc.br/PDF/oespetaculocomomeiodesubjetivacao.pdf>>.

Acesso em: 21 set. 2013.

_____. *O tempo e o cão: a atualidade das depressões*. São Paulo: Boitempo, 2009.

_____. *Sobre ética e psicanálise*. São Paulo: Cia. Das Letras, 2002.

LACAN, J. O estádio do espelho como formador da função do eu tal como nos é revelada na experiência psicanalítica. (1966). In: LACAN, J. *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

_____. *O seminário, livro I: os escritos técnicos de Freud (1953-1954)*. Tradução de: MILAN, B. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1983.

_____. *O seminário, livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise (1964)*. Tradução de: MAGNO, M. D. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.

LAPLANCHE, J.; PONTALIS, J. B. *Vocabulário da psicanálise*. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

LASCH, C. *A cultura do narcisismo: a vida americana numa era de esperanças em declínio*. Tradução de: PAVANELI, E. Rio de Janeiro: Imago, 1983.

LÉVY, P. *O que é o virtual?* São Paulo: Editora 34, 1996.

POSTO, LOGO EXISTO: INTERLOCUÇÕES TEÓRICAS ENTRE AS NOVAS FORMAS DE SUBJETIVAÇÃO NARCISISMO NA CONTEMPORANEIDADE

MORAES, D. de. Comunicação alternativa, redes virtuais e ativismo: avanços e dilemas. *Revista de Economía Política de las Tecnologías de La Información y Comunicación*. www.eptic.com.br, v. IX, n. 2, maio-ago 2007. Disponível em: <<http://seer.ufs.br/index.php/eptic/article/viewFile/226/224>>. Acesso em: 01 out. 2013.

PINHEIRO, T. Escuta psicanalítica e novas demandas clínicas: sobre a melancolia na contemporaneidade. *Psychê*, São Paulo, 2002, v. 6, n. 009, p. 167-176. Disponível em: <<http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=30700913>>. Acesso em: 18 out. 2013.

ROUDINESCO, E. *A análise e o arquivo*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

SARTRE, J. P. *O ser e o nada*: ensaio de ontologia fenomenológica. Tradução de: PERDIGÃO, P. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

SEVERIANO, M. de F. V. *Narcisismo e publicidade*: uma análise psicossocial dos ideais de consumo na contemporaneidade. Originalmente apresentada como tese (doutorado – Unicamp, 1999). 2. ed. São Paulo: Annablume, 2007.

**POST, THEREFORE I AM: THEORETICAL DIALOGUES BETWEEN THE
NEW SUBJECTIVATION FORMS AND THE NARCISSISM IN
CONTEMPORANEITY**

ABSTRACT:

The present paper, concluded as a Final Graduation Work, was motivated by the observation and questioning of a meaningful virtualization of the interpersonal relationships in the current context, reinforced by social networks and mainly by the social network site *Facebook*. The methodological support is found on the psychoanalysis study, enabling the realization of the theoretical dialogues between narcissism and culture, new subjectivation forms in Contemporaneity and repercussions observed in social network. Therefore, it is emphasized the self-worship demonstration and the dependence of the other person's look, so oneself can be affirmed from it. The relationships spectacular characters, exposed by images, reinforce the idea that to be and to look are synonyms; with that, appears the desire of being seen by a virtual audience that supposedly hopes to watch the subject's enviable act.

Keywords: Narcissism. Image. New Subjectivation Forms. Culture. Social Networks.

**JE POSTE, DONC JE SUIS: DES INTERLOCUTIONS THÉORIQUES ENTRE
LÈS NOUVELLES FAÇONS DE SUBJECTIVATION ET LE NARCISSISME
DANS LA CONTEMPORANEITÉ**

RÉSUMÉ:

Cet essai, concrétisé comme un Travail Final de Cours Supérieur, a été incité pour l'observation et La problématisation d'une importante virtualisation des relations interpersonnelles dans le contexte actuel, renforcée pour les réseaux sociaux et menées à bien pour le site de rencontres en ligne *Facebook*. Le support méthodologique est situé dans La recherche en psychanalyse, enviablement la réalisation des interlocutions théoriques entre le narcissisme et la culture, des nouvelles façons de subjectivation dans la Contemporanéité et les répercussions observées dans les réseaux sociaux. Ainsi, on met en relief la manifestation d'un culte de soi et de la dépendance du regard de l'autre pour la confirmation de soi. Le niveau spectaculaire des relations, médiatisées pour des images, renforce l'idée que *être* et *paraître* sont des synonymes; ainsi, émerge le besoin d'être vu pour un grand public virtuel qui, prétendument, attend pour régarder l'enviable performance théâtrale du sujet.

MOTS-CLÉS: Narcissisme. Image. Nouvelles façons de subjectivation. Culture. Réseaux sociaux.

**POSTO, LOGO EXISTO: INTERLOCUÇÕES TEÓRICAS ENTRE AS NOVAS
FORMAS DE SUBJETIVAÇÃO NARCISISMO NA CONTEMPORANEIDADE**

Recebido em: 04-03-2015

Aprovado em: 17-05-2015

©2015 Psicanálise & Barroco em revista

www.psicanaliseebarroco.pro.br

Núcleo de Estudos e Pesquisa em Subjetividade e Cultura – UFJF/CNPq

Programa de Pós-Graduação em Memória Social – UNIRIO.

Memória, Subjetividade e Criação.

www.memoriasocial.pro.br/proposta-area.php

revista@psicanaliseebarroco.pro.br www.psicanaliseebarroco.pro.br/revista